A PESTE GAY E O CASTIGO DIVINO: uma análise das apropriações da cultura popular e as representações sociais sobre gays

CLAYTON DA SILVA VIDAL[1]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Esta pesquisa procura compreender como as representações sociais (RS) denominadas de "peste gay" e "o castigo divino" refletem a temática da epidemia de Aids, a partir das apropriações dos jornalistas sobre a cultura popular. Ao tomar como ponto de partida as publicações do jornal O Globo, pretendemos pensar como o trabalho jornalístico se utiliza dos elementos do imaginário popular para representar e apresentar uma discussão em torno de assuntos delicados e/ou polêmicos, como é o caso da epidemia da AIDS nos anos 80 e 90. O estudo se concentra em duas publicações feitas pelo jornal com objetivo de entender o ponto inicial de uma pesquisa mais ampla que irá se desenvolver no trabalho de doutoramento. A ideia central é analisar como as RS, ancoradas pelos meios de comunicação, difundem valores atrelados ao contexto popular que podem contribuir para as pressões normativas ou o avanço em torno da evolução das relações sociais ocupadas pelos diferentes sujeitos.

Palavras chave: Cultura Popular; apropriação cultural; representações sociais

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura explorar os procedimentos de apropriação dos jornalistas sobre a cultura popular, tomando como ponto de partida as edições relacionadas à epi-

[1] Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui mestrado em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense e atua como professor em instituições do ensino superior. Tem experiência profissional e acadêmica na área de Comunicação Social e desenvolve pesquisa acadêmica no campo das Representações Sociais. As principais áreas de interesse circunscrevem os seguintes temas: Representações Sociais, Violência, Megaeventos, cidades e consumo.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

demia da Aids nos anos 80 e, posteriormente, os desdobramentos dez anos após, onde a Organização Mundial de Saúde (OMS) deu sinal verde para a produção da vacina contra o HIV. Trata-se de uma temática complexa, porque, na fase de descoberta do vírus, os homossexuais foram estigmatizados com denominações como "peste gay" e "o castigo divino". Essas representações correram pelos meios de comunicação que, de maneira inadvertida, difundiram preconceito nos primeiros anos da epidemia. Dessa forma, é fundamental compreender como se processou a elaboração do conteúdo jornalístico, ao expor nas reportagens, imagens ilustrativas, desenhos, cores, linguagem informal, entre outros, como elementos populares para significar e contextualizar a Aids. Todavia, é importante analisar de qual modo foram construídos os diferentes significados em torno da doença que além de estigmatizar, estabeleceu conexão com o aumento da violência sofrida por este grupo social, como sugerem Veras e Pedro (2015).

Através das RS procuramos entender como o senso comum processa a compreensão da Aids ao dialogar e expressar suas manifestações por meio dos jornais, como sustenta Jodelet (1993). Assim, é importante salientar que os jornalistas, ao construírem seus textos, se utilizam de códigos, práticas e modelos próprios para elaborar o conteúdo noticioso, como sugerem os estudos sobre Newsmaking (Wolf, 1995). Além disso, representam uma concepção da realidade para os leitores, ao construir através do meio impresso, uma concepção sobre a verdade, uma vez que o jornal tende a expressar este sentido. Nesta direção, o jornal impresso assume uma função documental, ao retratar e manter ao longo do tempo, um relato sobre o período histórico e estabelecer uma posição de memória para seu leitor.

Ao serem elaboradas pelos meios de comunicação, as RS tendem a ganhar espaço entre os indivíduos e se concretizarem nas relações diárias, além de estabelecer uma correlação com o objeto ancorado, reforçando ou difundindo as posições de sujeito na sociedade. Desta forma, entendemos que as RS hegemônicas, por se ancorarem nas "crenças e valores largamente difundidos" (Vala;1997;09), tendem a projetar significados através das construções dos veículos de comunicação que transitam por interesses econômicos, pressões normativas, comportamentais, entre outros aspectos. E é justamente neste âmbito que procuramos entender o que Canclini expõe sobre o popular. “O popular não deve por nós ser apontado como um conjunto de objetos (...) mas sim como

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

uma posição e uma prática. Ele não pode ser fixado num tipo particular de produtos ou mensagens, porque o sentido de ambos é constantemente alterado pelos conflitos sociais". Assim, como esclarece Barbero (1997), a comunicação situa-se num campo de lutas e conflitos, deixando de significar um mecanismo que produz notícias para se transformar em espaço de disputas, onde o sentido será negociado entre produtores, consumidores e todos os atores interessados no contexto jornalístico.

1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A PESQUISA DA AIDS

As representações, elaboradas pelos jornais impressos, permitem entender as apropriações dos elementos da cultura popular que propiciam um diálogo com os leitores do jornal e outros atores sociais, a fim de apresentar e debater temas complexos e difíceis, como a Síndrome da Imunodeficiência adquirida (AIDS). A doença, que imediatamente se espalhou pelo mundo, gerou apreensão na população e estigmatizou grupos gays, como personagens principais da nova peste do século. Assim como a peste bubônica, que dizimou milhões de pessoas na Europa durante a Idade Média, a Aids foi identificada e representada, num primeiro momento, como um castigo divino contra hábitos pecaminosos da sociedade. Tal percepção voltaria a povoar o imaginário social em pleno século XX, comparação com a Aids e, neste caso, apresentou acentuado grau de violência. Descoberta, então, as origens de contaminação bacteriológica da peste bubônica (contato com a pele humana e vias aéreas), elas não se livrariam da mais trágica doença da humanidade, o estigma.

Sobre os momentos que marcaram as representações da epidemia da Aids, nos anos 80, procuramos abordar a temática levando em conta quatro modelos de operação das RS como podemos perceber em Abric (2005) e Vala (1997). O primeiro faz referência às zonas mudas (parte da representação não verbalizada, não expressa que o investigador precisa observar cuidadosamente); e o segundo menciona três aspectos das formas de representação social que são as emancipadas, polêmicas e hegemônicas que abordaremos a seguir.

As representações hegemônicas ancoram tensões e conflitos implícitos e explícitos entre os diferentes grupos sociais, assim como pressões normativas e os elemen-

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

tos contranormativos que ancoram os embates temáticos elaborados e reelaborados pelos indivíduos. No caso das zonas mudas, por exemplo, ela é composta por elementos contranormativos que resultam de pressões normativas, como analisa Abric (2005). A partir da análise das zonas mudas podemos identificar, por comparação, como as pessoas, através de depoimentos presentes nas matérias jornalísticas, falam mas "não dizem tudo, elas escondem alguns componentes de seus pensamentos, em certas situações" (*ibid*). No caso das RS emancipadas, que visam às noções de cooperação entre os diferentes grupos, elas oferecem uma análise das estratégias de colaboração e solidariedade presentes nos grupamentos humanos (Vala; 1997); as polêmicas (produzidas no curso dos conflitos sociais) (*idem*) e hegemônicas (as que difundem crenças e valores) (*ibid*). Assim, procuramos explorar como os consensos hegemônicos e as hierarquias de visibilidade e invisibilidade da mídia que difundem as imagens, crenças e valores presentes na cultura popular que pressionam e reforçam as posições dos sujeitos sociais, como é o caso do preconceito em torno da epidemia mundial da Aids.

2 "O POPULAR QUE NOS INTERPELA PELO MASSIVO": NORMATIZAÇÕES E CAMPOS DE LUTA

Os trabalhos de Barbero (1997); Canclini (1983) e Hall (2003) trouxeram à luz uma compreensão a respeito da relação do popular e os meios de comunicação de massa, e são os mesmos autores que fornecem as bases para pensar tal dinâmica com a mídia. O popular, associado ao povo, no século XIX, e problematizado pelos movimentos de esquerda como classe social, e, também, pela direita, como massa, será revisto por Barbero (*idem*) ao relacionar esta noção com os meios de comunicação. O autor o insere numa perspectiva de mediação que o situa no campo de uma dinâmica conflituosa de sentidos com os meios. Posicionado no contexto da cultura de massa, Barbero (*ibid*) reconduz o sentido do popular alinhando-o à modernidade e, também, à complexidade do urbano. Assim, o popular passa a se configurar em relação ao massivo, onde será fundamental compreender pensar o que se passa culturalmente com as massas, bem como àquilo o que elas consomem e da qual se alimentam. Trata-se de estabelecer aborda-

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

gens mais complexas, desvinculando-o das relações de inferioridade cultural, para inseri-lo no campo da produção e/ou do consumo.

Canclini (1983) é incisivo, ao abordar o popular "como uma posição e uma prática" (*idem*). Sendo assim, ele passa a ser percebido como sentido e valor populares que "vão sendo conquistados nas relações. É o uso e não a origem, a posição e a capacidade de suscitar práticas ou representações populares, que confere essa identidade" (*ibid*). Neste caminho, procuramos através das RS os significados e valores das práticas e códigos jornalísticos que conferem à negociação de sentido com o senso comum, aquilo que é partilhado na sociedade e a faz representar como referência. Todavia, devemos ter em mente que tais concepções também se constroem na recepção, "por intermédio de uma série de traços que são atribuídos aos objetos (...)",Canclini (*idem*). Em nosso caso, os objetos são as mensagens reconfiguradas pelo público a fim de reforçar, silenciar ou alterar o entendimento das coisas.

A tarefa de analisar os elementos do popular, no contexto jornalístico, ,leva em conta a maneira como os jornalistas constroem as mensagens e as refletem para o público. Eles partem de códigos próprios do meio jornalístico para construir as reportagens, notícias, entrevistas e afins (Wolf; 1995). Para este autor, dois aspectos são fundamentais na observação das atividades produtivas dos jornalistas, são eles: a cultura profissional e a organização do trabalho e dos processos produtivos. São neles que os produtores de notícias se apoiam para selecionar e elaborar o noticiário. Ao elaborar as escolhas das notícias, os jornalistas selecionam os fatos a partir da noção de que "um acontecimento é um acontecimento e não uma casual sucessão de coisas (...)" (*idem*; 169).

Ao refletir sobre os significados do popular, Hall propõe pensar este conceito a partir do permanente tensionamento entre as culturas popular e dominante. Neste caso, ela é pensada no campo da variação onde "a cultura popular são as relações que colocam a cultura popular em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante" (*idem*; 257). Como resultado desse constante atrito, Hall não vê condição para pensar autenticidade ou integridade cultural, mas sim uma contradição que compõe a essência dessa percepção.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

3 AS REPRESENTAÇÕES E OS PROCEDIMENTOS DE APROPRIAÇÃO CULTURAL

Nesta avaliação, os meios tendem a refletir as ideias que circulam pelo círculo social num caráter de duplicidade que possibilitam poucas aberturar para novos diálogos entre os atores sociais. Para Duveen (2003), "as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros" (i*dem*,08). Através da comunicação e da interação produzimos conhecimento e este, por sua vez, "emerge do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração" (*ibid*, p.09). Entretanto, ao considerar alguns momentos históricos, é possível compreender que as relações sociais são afetadas pelas dinâmicas produzidas pela Comunicação Social e acabam por refletir conceitos mediados pela concepção do tipo a favor ou contra que ancoram as RS.

Para objeto desta análise, selecionamos duas reportagens do jornal O Globo, a fim de identificar, conhecer e analisar como os estágios iniciais da enfermidade e como tais fatos foram elaborados pelos jornalistas. Os procedimentos de seleção foram construídos a partir de uma pesquisa no site da Fiocruz[2], onde há um histórico da epidemia no Brasil. Em 1980, o Brasil registra o primeiro caso da doença, em São Paulo, e é classificado como Aids dois anos mais tarde. No ano de 1982 confirma-se o primeiro caso de Aids, no Brasil, e a identificação da transmissão por transfusão sanguínea. Em 1983 o jornal Notícias Populares (figura 1) apresenta uma reportagem onde identifica a síndrome como peste-gay. A descrição histórica é fundamental, pois inicia o processo de descoberta e formulação das primeiras notícias. O segundo ponto foi pautado pela seleção realizada no acervo online do jornal O Globo, onde buscamos uma reportagem, do ano de 1983 que expusesse apelo visual e também estivesse relacionada aos anos iniciais do descobrimento da enfermidade. Assim, foi possível identificar um trabalho jornalístico do dia 21/06/1983, cujo título era "AIDS: Síndrome da deficiência imunológica

[2] - Disponível em http://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html, capturado em 20/05/16, às 15:34h

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

adquirida - A luta nos EUA contra uma doença misteriosa e mortífera"[3]. O terceiro momento desse processo foi localizar, temporalmente, como o veículo reproduziu a Aids dez anos depois. Ao comparar o mesmo ano, dia e mês, a Aids aparece com uma abordagem científica e distanciada dos assombros da Peste-Gay nos anos 80. Além da linguagem, os elementos visuais são componentes importantes da notícia por apresentarem valor jornalístico junto aos elementos textuais. Cores, tipografia, fios, boxes, retrancas e sub-retrancas são peças gráficas que valorizam e embelezam a página, além de produzir uma forma de comunicação e informação muito fácil para ser absorvida pelo leitor.

O risco que se impõe é uma certa capacidade da mídia e do mercado incorporarem essas discussões e ressignificá-las na dimensão do consumo, espetacularizando as notícias, como foi o caso da contaminação do Papa João Paulo II pelo vírus da Aids, (figura 2) noticiada nos anos 90. Em 03/12/1993 o Globo traz duas notícias na editoria Mundo/Ciência e Vida com as manchetes: "Vaticano rachaça notícia de que Papa teria vírus" e outra intitulada "OMS dá sinal verde para a primeira vacina anti-Aids" (figura 3). Estes dois textos noticiosos espelham o papel das RS nos casos hegemônicos e emancipatórios. A primeira vista a partir da produção de significação conflitiva (inserida no campo do consumo) e a segunda polêmica constituindo-se no espaço da colaboração e solidariedade dos indivíduos.

É A PIOR E MAIS TERRÍVEL DOENÇA DO SÉCULO - DOIS BRASILEIROS MORTOS

PESTE-GAY JÁ APAVORA SÃO PAULO

Notícias Populares

[3] - Disponível no acervo do jornal O GLOBO, apenas para assinantes.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

Figura 1 Jornal Notícias Populares 12 de junho 1983

Vaticano rachaça notícia de que Papa teria vírus

CIDADE DO VATICANO — O Vaticano negou ontem a notícia de que o Papa João Paulo II tenha citomegalovírus, frequentemente associado ao vírus da Aids. O porta-voz da Santa Sé, Joaquin Navarro Valls, disse que o Papa chegou a contrair o citomegalovírus em transfusões de sangue depois do atentado de 1981, porém, ficou bom.

— O Papa ficou completamente curado. É deplorável alguém falar disso como se fosse uma novidade e ainda fazer uma associação com a Aids — disse Navarro Valls.

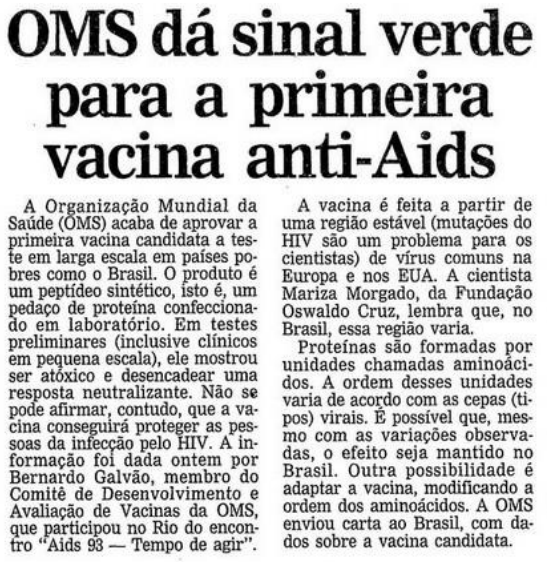
A polêmica sobre o citomegalovírus foi provocada na terça-feira pelo apresentador de TV Mino Damato, que citou a infecção do Papa num programa especial sobre o Dia Mundial da Aids. Damato lembrou que o citomegalovírus é cumum em pacientes com Aids.

Essa não é a primeira vez que se especula sobre a saúde de João Paulo II. No mês passado, ele sofreu uma queda que provocou uma luxação no braço. Logo em seguida, a imprensa italiana publicou uma série de notícias dizendo que ele estaria sofrendo desmaios.

O diretor do Departamento de Virologia da Universidade de Roma, Ferdinando Dianzani, disse que o citomegalovírus é extremamente comum e transmtido, em geral, através de transfusões. A maioria dos portadores não sofre nenhuma complicação, porém o vírus pode causar infecções no fígado e nos pulmões.

Dianzani explicou que nos casos de imunodeficiência, como a provocada pela Aids, por terapias antitumorais ou por drogas contra a rejeição em transplantes, a infecção por citomegalovírus pode se agravar.

Figura 2 - jornal O Globo, edição 03/12/1993



OMS dá sinal verde para a primeira vacina anti-Aids

A Organização Mundial da Saúde (OMS) acaba de aprovar a primeira vacina candidata a teste em larga escala em países pobres como o Brasil. O produto é um peptídeo sintético, isto é, um pedaço de proteína confeccionado em laboratório. Em testes preliminares (inclusive clínicos em pequena escala), ele mostrou ser atóxico e desencadear uma resposta neutralizante. Não se pode afirmar, contudo, que a vacina conseguirá proteger as pessoas da infecção pelo HIV. A informação foi dada ontem por Bernardo Galvão, membro do Comitê de Desenvolvimento e Avaliação de Vacinas da OMS, que participou no Rio do encontro "Aids 93 — Tempo de agir".

A vacina é feita a partir de uma região estável (mutações do HIV são um problema para os cientistas) de vírus comuns na Europa e nos EUA. A cientista Mariza Morgado, da Fundação Oswaldo Cruz, lembra que, no Brasil, essa região varia.

Proteínas são formadas por unidades chamadas aminoácidos. A ordem desses unidades varia de acordo com as cepas (tipos) virais. É possível que, mesmo com as variações observadas, o efeito seja mantido no Brasil. Outra possibilidade é adaptar a vacina, modificando a ordem dos aminoácidos. A OMS enviou carta ao Brasil, com dados sobre a vacina candidata.

Figura 3 - Jornal O Globo, edição 03/12/1993

4 ENTRE HIERARQUIAS E INVISIBILIDADES

Para Prado e Machado (2012) existe uma hierarquização sexual, baseada nas lógicas de superiorização e inferiorização, que ajudam a entender as posições sociais

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

ocupadas pelos sujeitos homossexuais. Os homossexuais encontram-se, historicamente, numa condição de subalternidade impondo a necessidade de uma luta política por direitos e reconhecimentos. Deste modo, abordar as relação entre a cultura popular e as representações sociais sobre gays nos leva a explorar os diferentes conflitos presentes na sociedade, onde estes são difundidos, promovidos e, por outras, omitidos.

Levando em conta que os consensos hegemônicos são ratificados pelos jornais a fim de reforçarem as posições hierárquicas dos sujeitos sociais, a luta por direitos se insere no contexto de um embate político. As diferentes violências sofridas pelos sujeitos homossexuais, assim como difamações e outras ações discriminatórias, são entendidas, neste trabalho, como um fenômeno social presentes nas relações entre os diferentes grupos. Neste sentido, os vínculos entre as agressões contra gays e os reais avanços das conquistas individuais e coletivas são um eixo fundamental de análise no contexto da Aids e das representações sociais. Nos últimos anos houve uma incorporação positiva por parte da mídia sobre o movimento, o que facilitou avanços importantes na política e legislação específicas, mas ainda assim, o Brasil figura entre os países de maior índice de violência. Esse mesmo cenário foi vivenciado nos anos agudos da epidemia quando surgiram as primeiras notícias e, após a adesão midiática e um entendimento mais científico sobre a doença, ampliaram as lutas em torno de uma diminuição da complexidade das hierarquias sexuais e sociais.

4.1 Apropriações visuais pelo jornal impresso

O processo de construção de um jornal diário pressupõe a harmonização dos elementos textuais e visuais que irá compor a identidade de um veículo impresso. Tais componentes precisam estar em harmonia para facilitar e integrar a relação com o leitor, a fim de proporcionar a compreensão da mensagem da melhor maneira possível, além de sua inserção no processo social. Para Mota e Nascimento (2009), o jornal se forma de uma "estrutura institucional já fortalecida pela tecnologia e ciência capaz de exigir do meio impresso elementos de representação popular adequada à sociedade" (*idem*; 44). E como importante agente social, também irá compor o cenário das convivências interpes-

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

soais capazes de estabelecerem sentidos em comum para as mensagens que circulam pela sociedade.

Como ressaltam Mota e Nascimento (*ibid*), os princípios gráficos fornecem, aos leitores, componentes para os veículos impressos embelezarem, dar visibilidade, reconhecerem e identificar o meio. Tais subsídios são capazes de influenciar na direção do olhar e, também, no processo de leitura da notícia, proporcionando semelhante forma de atuação para os fatores culturais. Para Mota e Nascimento *apud* Bruno Munari a comunicação visual "deve ser coerente ao seu público leitor quando se trata da divulgação de uma informação jornalística" (*idem*). Porém, em relação à coerência, entendida como harmonia visual, não se esgota no procedimento gráfico, pelo contrário, se estende para uma condição política, imposta na relação entre jornal e leitor, isto porque há formas e exercícios de poder estabelecidos no contato entre ambos. Se por um lado o veículo assume seu papel de produtor, por outro, cabe ao leitor, então, uma condição de receptor passivo no processo de consumo das notícias. No entanto, tal premissa será rechaçada por Barbero (1997) na medida em que estabelece um rompimento desse contrato simbólico, ampliando o lugar de participação do leitor.

5 "AIDS (SÍNDROME DA DEFICIÊNCIA IMUNOLÓGICA ADQUIRIDA) - A LUTA NOS EUA CONTRA UMA DOENÇA MISTERIOSA E MORTÍFERA": AS REPRESENTAÇÕES DO GLOBO NA EDIÇÃO DE 1983

Esse é o título e subtítulo da reportagem do jornal O Globo, de 21 de junho de 1983, sobre a epidemia que chegava ao Brasil e situava na ponta do preconceito os chamados grupos de risco, como eram identificados os indivíduos portadores do vírus HIV. Não se trata da primeira notícia publicada em um veículo profissional de comunicação, mas de uma reportagem, em jornal de grande circulação no Brasil, com forte apelo junto ao segmento de leitores e que apresentava a fase inicial da epidemia nos EUA. No impresso, quatro grupos foram designados como ameaça, são eles: homossexuais, haitianos, hemofílicos e usuários de drogas. Além do mais, havia um termo temporário, utilizado para designar os infectados pelo vírus, que era denominado "Doença

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

dos 5H"[4] composto por homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e *hookers* (profissionais do sexo), conforme referência no site da Fiocruz.

A edição da reportagem é composta por variados elementos visuais que apoiam um pesado texto, diagramado nos padrões gráficos da época. Duas peças chamam atenção, pois estão inseridas no corpo da composição gráfica para direcionar o olhar do leitor para o centro da página, são os chamados estímulos sensoriais de uma mensagem visual (Mota e Nascimento; 2009). A figura 4, abaixo do título, onde três homens caminham na direção oposta a uma maioria que aparece com os braços ao alto em forma de punho cerrado, como se estivessem hostilizando os três homens. Logo abaixo do subtítulo há uma ilustração de um cartaz (figura 5) do circo *Ringling Bros and Barnum & Bailey*, com apresentação marcada para o *Madison Square Garden* a fim de levantar fundos para a campanha contra Aids. São duas gravuras, de sentidos opostos, que sintetizam a luta contra o preconceito sobre a enfermidade e a necessidade de ampliar o conhecimento científico para a cura da pandemia. na outra um tipo emancipatório que revela a junção social em torno do combate a Aids.

O GLOBO Terça-feira, 21/6/83 • 27

AIDS

Síndrome de deficiência imunológica adquirida

A luta nos EUA contra
uma doença misteriosa e mortífera

Figura 4 - Imagem do título e subtítulo da reportagem publicada no jornal O Globo 21/06/1983

[4] - Para maiores detalhes ver: www.ioc.fiocruz/aids20anos/linhadotempo.html

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

A luta nos EUA contra uma doença misteriosa e mortífera

pos de risco", o que mais sofre é o dos homossexuais. As últimas estatísticas do Center for Disease Control (Órgão federal que se encarrega de pesquisar doenças para controle nacional), de Atlanta, indicam que até agora 1.677 homossexuais, ou seja, 71,4 por cento de todas as vítimas de AIDS, foram atacados. Mas os médicos advertem a imprensa que é totalmente irresponsável chamar a AIDS de "câncer gay". Este seria, se diagnosticado assim, o sarcoma de Kaposi. Nem todos os homossexuais morreram deste câncer. Não é verdade que a AIDS ataca especialmente os homossexuais. Mas segundo todas as pesquisas (há dezenas de médicos especialistas em plantão constante junto às vítimas) só se pode dizer que a doença é transmitida "através de contato sexual íntimo".

Com isso o medo se instalou nos bares e discotecas gay, geralmente tão alegres no verão. Há dois meses esses locais estão cada vez mais vazios. E também as praias de Fire Island, Ilhota próxima tradicionalmente freqüentada pela elite gay de Nova York (uma casa de praia tem aluguel de três meses na base de US$ 10 mil a US$ 15 mil — Cr$ 5,15 milhões a Cr$ 7,72 milhões). Nos restaurantes da moda, em que é costume ter garçons gay, freqüentadores pressionam o gerente. Nos cabeleireiros, freguesas se afastam de contatos antes tão co-

quase 40 graus, estão quase vazias.

No Gay Men's Health Crisis Center, de Nova York, o telefone não dá descanso. Mel Rosen, Diretor Executivo, diz que o Center uniu forças (conta com dezenas de referências do mundo no que diz respeito à AIDS. Recebe chamadas até da Índia. Foi fundado recentemente pela Prefeitura com ajuda de US$ 100 mil (Cr$ 51,5 milhões) para educar o público e trabalha em conjunto com vá-

tários também manejam a xerox, copiando informações e explicações e as perguntas mais freqüentes, material a ser distribuído em outros centros de ajuda, clubes e hospitais. O telefone do Center tornou-se conhecido através da imprensa e em cartazes nas ruas e transportes coletivos. Não existe intenção de aterrorizar o público, garantem os voluntários. Mas as pessoas se assustam e assustam as outras.

Barry Davidson, coordenador de uma linha direta e gratuita no Gay Men's Health Crisis Center, diz que um serviço especial para pacientes (ou seja, para os que acham que já contraíram a doença e os que estão com sintomas sérios) está recebendo cerca de mil chamadas por semana. Ele acredita que esse número vai dobrar em um mês.

Não é exagero. Médicos e epidemiologistas do Center for Disease Control calculam que dentro de dois anos cerca de 20 mil pessoas terão contraído a doença. A cada dia a AIDS ataca uma ou duas pessoas na área de Nova York. Autoridades ainda se recusam a classificar os casos como epidemia, embora os números tenham dobrado em menos de seis meses. De uma ponta a outra do país 38 por cento das vítimas morreram. Para queles que contraíram a doença nos últimos dois anos, sem terem ainda o diagnóstico atual, e continuaram

Cartaz do show promovido no Madison Square Garden, com a participação do circo Ringling Bros. e Barnum & Bailey, para levantar fundos na campanha contra a AIDS

Figura 5 - Imagem do cartaz circo *Ringling Bros and Barnum & Bailey*, jornal O Globo 21/06/1983

Com uma representação ancorada em natureza conflituosa, identificada pela oposição de grupos antagônicos, o veículo pretende apresentar ao leitor uma luta do bem contra o mal. A imagem remete ao conflito entre os contaminados pelo vírus HIV (minoria) e as pessoas não contaminadas (maioria). Assim, ao representar a imagem de uma batalha entre os diferentes grupos sociais e destacar no intertítulo, junto ao corpo do texto, "os grupos de risco", a intenção é alimentar o embate entre os grupamentos sociais sobre a epidemia descoberta, no ano de 1979, e que já registrava 1.592 casos confirmados dentre 750 foram detectados em Nova York, onde 505 vítimas já tinham morrido de doenças infecciosas variadas. Na figura 5 (final do texto) já podemos ver uma representação do tipo emancipatória, revelando a junção social em torno do combate a Aids. Por outro lado, os números e as referências a outras mazelas, demonstram claramente uma tentativa de localizar possíveis infectados e diferenciá-los dos não infectados. Nesta primeira parte da matéria, a alusão aos números e ao procedimento científico que visa separação dos grupos de risco e controle, são procedimentos metodológi-

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

cos de experimentos nas áreas de saúde. Os dados são fornecidos, não apenas como indicativo da contaminação, mas para definir e separar aqueles que supostamente estão inseridos nos critérios de contaminação, ou seja, os homossexuais.

O lead (figur4) faz referência da Aids à peste bubônica, epidemia vivenciada na Europa Medieval que dizimou a vida de milhões de pessoas. Além de mencionar uma doença da Idade Média, o conteúdo da reportagem destaca o preconceito, repetindo uma frase popular sobre a peste bubônica que era: "nem todos morreram da doença, muitos morreram de susto". A comparação com a contaminação bacteriológica da Europa é uma estratégia de utilização e apropriação dos elementos do popular no contexto do jornalismo que remete à forma de informar e documentar às massas através daquilo que elas incorporam e reafirmam como seus pontos de vista, assim como aponta Canclini (1983). O texto reforça que somente o excesso de informação é capaz de frear a onda de quase histeria da população de Nova York sobre a doença. Ou seja, há uma contradição que compõe a essência da tensão. Esta é inserida, constantemente, para alimentar o jogo contraditório e tensionar, quase aos nervos, a influência e antagonismo da relação entre a cultura popular e a dominante, como alerta Hall (2003).

Ainda no bojo das RS polêmicas, a edição é composta por duas figuras, como já mencionamos, e elas, no caso da figura 6, tem sua função atribuída a separação do texto. A fim de provocar um conforto visual para o bloco de notícias, ela também separa os diferentes grupos sociais presentes na reportagem, o que reforça o padrão normativo das RS polêmicas produzidas no discurso dos conflitos sociais, e com ancoragem mediante grupos antagônicos, como ressalta Vala (1997). De um lado temos os contaminados, provenientes do contato sexual com o vírus, ou seja, os homossexuais e, de outro, aqueles que tiveram a contaminação por sangue, hemofílicos e haitianos, não mencionando os heroinômanos. Em relação aos haitianos, a origem da contaminação ainda é duvidosa, uma vez que vários cientistas afirmam conhecer fontes embrionárias diferentes. Mas, a maneira de perceber a contaminação e separá-los em outros grupos, denota a forma preconcebida de se perceber a figura do homossexual numa condição de subalternidade (Prado e Machado; 2012). São diferentes grupos relacionados na reportagem e, em certos momentos, o texto faz referência aos moradores de Nova York com tratamento diferenciado dos demais.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

Os 'grupos de risco'

Telefones de auxílio

Verifique a sua estética.

E elimine os excessos.

FOORA!!! com a gordura o o mau cheiro. Só MINI-COIFA dá jeito na sua cozinha

QUEM CUIDA DE MERCADO DE ARTE NESTE PAÍS?

Figura 6 - Imagem dos elementos gráficos (cartaz, fios e espaçamentos) que separam o conteúdo da reportagem, jornal O Globo 21/06/1983

No desenrolar do texto, a jornalista destaca os cuidados que os médicos devem ter sobre a maneira como a imprensa lida com a epidemia e destacam-se, neste ponto, a terminologia "câncer gay". Mais a frente, a frase "recebeu alta" para "ir morrer em casa" reforça normas atribuídas aos grupos homossexuais. Quem vai para casa morrer é alguém que está doente, ou seja, existe um contraponto com os saudáveis. São reforços de normas sociais que conferem grau de estabilidade aos não contaminados, ou seja, sua prática é segura, sem risco. Com a descoberta de novos casos e a noção de contaminação através de contato sexual, o esvaziamento dos locais de convivência foi imediato.

A reportagem exibe vários blocos de texto, resultando em grande volume. As orientações gráficas da época não apresentavam muitos recursos para diagramação textual. Portanto, a solução foi utilizar outros recursos gráficos, como imagem, desenho, intertítulos e fios para executar a divisão das informações. Como já mencionamos, as figura 5 e 6 foram utilizadas para arejar o bloco de colunas, elas dividem a matéria ao meio, bem como os grupos de risco e os saudáveis. Considerada uma diagramação pesada, a imagem cria a ilusão sensorial de arejamento e descanso para os olhos do leitor, além de valorizar a página. Sendo assim, a peça gráfica reforça a dimensão da notícia ao produzir um significado visual com função noticiosa (divide graficamente os diferentes grupos sociais), como podemos perceber nas argumentações de Mota e Nascimento

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

(2009), e, serve para auxiliar o leitor na compreensão das informações que são elaboradas. Os componentes gráficos, argumentam os autores, apresentam considerável função jornalística ao interagir com o conteúdo. No entanto, não há nenhuma menção no corpo textual da notícia sobre a exibição do espetáculo do circo para arrecadação de fundos na campanha de combate ao vírus da Aids, mas o cartaz ajuda a promover a divisão dos grupos sociais.

Na terceira coluna, primeiro parágrafo, há referências sobre bares e discotecas gays, além de Spas, locais de convivência. São insinuações de práticas sexuais que foram abandonadas pelos moradores de Nova York após a descoberta da contaminação pelo vírus. Existe uma boa parte da reportagem dedicada a contar e explicar o que aconteceu após o descobrimento do vírus. Entre essas explicações está o modo como as atividades sexuais, envolvendo homossexuais, induzem à conclusão condenatória de tais condutas. Cita o texto: (...) em vários hospitais, os pacientes de Aids foram colocados no isolamento. Funcionários se recusam a banhá-los. (...) Um paciente recebeu "alta" do médico, que disse que ele podia ir para casa e morrer" (...). (NOLASCO-FERREIRA, O Globo, 21/06/83)

Na parte final da reportagem, a jornalista busca, de alguma forma, elaborar e apresentar aos leitores, informações que permitam compreender os procedimentos adotados pelas autoridades no combate ao vírus e a doença. E, a todo momento, há uma rivalidade que situa os homossexuais no lado oposto ao da sociedade não contaminada pelo HIV. Esse modelo de ancoragem não leva em consideração a necessidade de promover contextos emancipatórios dos indivíduos, eles restringem a discussão da realidade a um medo que é alimentado pelo desconhecido. É necessário ressaltar a importância da função social do jornalista como ator fundamental na construção de um diálogo para ampliação das informações que minimizem as crenças e conceitos equivocados sobre a enfermidade. Tais áreas de lutas, conflitos e desconstruções inserem-se no jogo político da complexidade das relações culturais e na dialética do enfrentamento cultural repleto de contradições e em permanente ebulição (Hall, 19; Barbero; 1997; Canclini; 1983).

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

Principais palavras utilizadas na análise das reportagens

UTILIZAÇÃO DO TERMO DOENÇA	17 aparições
UTILIZAÇÃO DO TERMO AIDS	17 aparições
UTILIZAÇÃO DO TERMO HOMOSSEXUAL	6 aparições
UTILIZAÇÃO DO TERMO GAY	4 aparições
UTILIZAÇÃO DO TERMO HEMOFILICO	3 aparições
UTILIZAÇÃO DO TERMO HAITIANOS	2 aparições
UTILIZAÇÃO DO TERMO HEROINOMANOS	0 aparição
USUARIOS DE DROGAS INTRAVENOSAS	1 aparição
ELEMENTOS VISUAIS DA REPORTAGEM	30 aparições

5.1 "DESCOBERTA MOLÉCULA QUE PODERIA DETER A AIDS": AS REPRESENTAÇÕES DO GLOBO NO ANO 1993:

A coluna Ciência e Vida, do jornal O Globo, já reflete uma preocupação no tratamento com as temáticas da saúde. Ao contrário do ano de 1983, na década de 90 os impressos passam por reformulações gráficas e alteram a forma de incorporação do assunto Aids no cotidiano do jornal. Além disso, os jornalistas começam a se dedicar com mais afinco, tornando a cobertura mais sólida e comprometida com alguns padrões científicos.

Como podemos perceber na figura 7, as imagens utilizadas já direcionam para um novo tipo de representação, que remete a abordagem emancipatória das RS. As estratégias de cooperação são apresentadas através de elementos visuais sugerindo modernidade e avanço da ciência. Imagens e textos direcionam o leitor para os trabalhos desenvolvidos pelos cientistas à cura da enfermidade. Em "descoberta molécula que poderia deter a Aids", é possível identificar o contexto das descobertas científicas. Apesar do verbo estar no condicional, a doença é vista no espaço de luta, mas diferentemente da abordagem anterior, não está associada ao mistério e a morte. A figura do sujeito homossexual não é nomeada como uma ameaça, não aparecem terminologias como doença, medo, sofrimento entre outros. É possível perceber que o conjunto de notícias da editoria contempla

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

Ciência e Vida

Descoberta molécula que poderia deter a Aids

CORPO A CORPO

Michael Schuster

Gordura: arma contra o câncer

Brasileiros desenvolvem novo tipo de interferon

'Endeavour' só será lançado hoje

Russos realizam caminhada espacial

Figura 7 - Imagem da editoria Ciência e Vida, notícias da edição do jornal O Globo em 21/06/1993

esforços de diferentes países contra a Aids. Estados Unidos, Rússia e Brasil, estão simbolizados pela imagem dos seis astronautas escalados para a missão do ônibus espacial americano *Endeavour*, (em tradução livre, esforço). Por questões gráficas, o bloco de texto está dividido em seis colunas e a fotografia suaviza a densidade textual através da referência aos astronautas.

O texto apresenta características científicas que reforçam as dinâmicas das RS emancipatórias. Com cinco parágrafos, sendo dois declaratórios e o restante factual, a publicação mantém o ritmo de isenção jornalística, mas tende a voltar ao teor polêmico na última parte, quando insere os hispânicos no chamado grupo de risco. Há um intertítulo, nesta parte onde o termo contágio é utilizado para indicar a expansão entre os hispânicos residentes nos Estados Unidos. Os casos aumentaram 11% nos dois últimos anos (1991-92), onde o grupo mencionado representa 19% da população americana. As histórias restantes da editoria também abordam as características de emancipação entre a comunidade internacional. São três dados noticiosos somados as quatro narrativas jornalísticas. Além do caso mencionado, os editores compuseram a página com informações sobre uma capa de gordura (os lipossomos) incorporados às pesquisas de combate ao câncer, incluindo os pacientes com Aids; os brasileiros que desenvolveram um

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

novo tipo de interferom (glicoproteínas imunologicamente ativas) e também combatem câncer e Aids e, para finalizar, a notícia dos astronautas escalados para uma missão espacial, como já mencionamos.

6 CONCLUSÕES

O aspecto observado, nesta pesquisa, foi o quanto os valores normativos e o contexto histórico influenciaram o processo de ancoragem das RS. Nos anos 80 foi possível constatar que os modelos utilizados lidam com o preconceito e as hierarquias sexuais de modo a reforçá-las. Por outro lado, nos anos 90 percebemos um processo de ancoragem baseados em padrões científicos onde a luta por legislação e admissibilidade das existências não normativas da sexualidade já demonstram sinais de conquistas. Vale ressaltar que a evolução histórica sobre a doença condiciona um outro modo de operação na construção dos sentidos empregados em torno da Aids. Como o noticiário destaca, há crianças e mulheres contaminadas na década de 90, o que desmonta o exemplos normativos dos períodos anteriores. Apesar de ainda insistirem na falácia dos grupos de risco (os hispânicos) os jornalistas, desta vez, se apoiam nos elementos científicos vinculados ao popular para abrir o diálogo com o senso comum, configurando uma relação discursiva onde é possível negociar avanços.

A luta em torno do combate a Aids é um permanente estado de atenção para toda a comunidade científica e a população mundial. Os avanços em torno do controle do vírus HIV viu florescer um relaxamento das tensões com a não utilização do preservativo, o que fez crescer o número de contaminados, dessa vez os jovens, na faixa etária dos 13 a 19 anos, conforme dados do boletim[5] epidemiológico brasileiro de 2013. Assim, é fundamental compreender que esta condição não diz respeito apenas a determinado grupo social, mas sim a responsabilidade dos países envolvidos na erradicação da epidemia e, além disso, vidas não podem ser ceifadas por desconhecimento e preconceito em torno de uma epidemia mundial de saúde.

[5] Disponível em http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil, acessado em 25/07/16, às 17:20h

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. **A zona muda das representações sociais**. In: OLIVEIRA, Denize Cristina de. e CAMPOS, Pedro Humberto Faria. (orgs.) "*Representações sociais: uma teoria sem fronteira"*. Rio de Janeiro, Museu da República, Coleção Memória Social, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Trad. Claudio Novaes Pinto Coelho. SP, Brasiliense, 1983.

CARRARA, Sergio e LACERDA, Paula. **Viver sob ameaça: preconceito, discriminação e violência homofóbica no Brasil**. In: *As máscaras de guerra da intolerância no Brasil*. Comunicações do Iser, ano 31, nº 66, 2012.

CARRARA, Sergio e RAMOS, Silvia. **A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas**. Physis Revista Saúde coletiva. Rio de Janeiro, 16(2): 185-205, 2006.

DUVEEN, Gerad. **Introdução: o poder das ideias**. In: "MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social". Trad. Pedrinho A. Guareschi, Petrópolis, Vozes, 2003.

JEDLOWSKI, Paolo. **Memória e a mídia: uma perspectiva sociológica.** In: SÁ, Celso Pereira de (org.). "Memória, imaginário e representações sociais". Rio de Janeiro, Museu da República, 2005.

JODELET, Denise. (1993). **La representación social: fenómenos, concepto y teoría**. Em S. Moscovici (Org.), "*Psicología social"* (Vol. 2, pp. 469-494). Barcelona, Paidós.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine La Guardia Resende et all. Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MOTA, Marcelo José da e NASCIMENTO, Roberto Alcarria do. **Design da notícia: o desenvolvimento da indústria gráfica e a comunicação visual no jornal diário.** Revista Educação Gráfica, UNESP, Vol. 13. nº. 02, 2009. Disponível em: http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2011/06/003Marcelo-Mota.pdf, capturado em 16/06/2016 às 16:30h.

NOLASCO-FERREIRA, Sonia. **AIDS: SÍNDROME DA DEFICIÊNCIA IMUNOLÓGICA ADQUIRIDA**. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, página 27, 21 jun., 1983.

PRADO, Marco Aurélio Máximo e MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. 2ªed., São Paulo, Cortez 2012.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br

VALA, Jorge. **Representações sociais e percepções intergrupais**. Revista Análise Social, vol. XXII (140), 1997 (1.º), 7-29. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221840494M6zFQ7xv9Rd5 5BV5.pdf, capturado em 30/07/2015.

VERAS, Elias Ferreira e PEDRO, Joana Maria. **Viver e lutar: surgimento da Aids realimentou preconceitos contra os homossexuais, mas fez nascer uma nova militância no país.** Revista de História, disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/viver-e-lutar**,** capturado em 09/06/2015, às 15:35h

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa, Editorial Presença, 1995.
1.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings
https://proceedings.science/p/144638?lang=pt-br